

Magalhães amanhã como vice de Covas

Quando amanhã em Brasília o PSDB formalizar o convite ao ex-governador de Pernambuco Roberto Magalhães para, como candidato a vice-presidente, ser o companheiro de chapa de Mário Covas, estará praticamente completo o quadro de candidatos aos dois postos que estarão em jogo na eleição de 15 de novembro. Ficam faltando apenas as homologações dos candidatos do PTB (no qual o senador Afonso Camargo é aspirante a candidato presidencial) e do PDC (que poderá adotar a candidatura de Ronaldo Caiado). Em ambos os casos não há nomes falados para a vice. A vice-presidência está sendo postulada por Waldir Pires, secundando Ulysses Guimarães; Fernando Lyra, companheiro de Leonel Brizola; José Paulo Bisol, de Lula; Itamar Franco, de Collor; Bonifácio de Andrada, de Paulo Maluf; Cláudio Lembo, de Aureliano; Aluizio Pimenta, de Afif; e o professor Sérgio Arouca, de Roberto Freire. Magalhães está decidido a aceitar o convite do PSDB.



Cada candidato a presidente seguiu caminho próprio para escolher seu vice. Na realidade, somente os do PSDB, do PFL e do PRN pensaram em alargar em alianças sua faixa de disputa. Covas foi buscar no governador de Pernambuco, político egresso do PDS e ultimamente filiado do PTB, menos uma aliança partidária do que o respaldo de uma liderança regional de importância. O ex-governador pernambucano é um nome que sensibiliza o Nordeste. Aureliano foi buscar no apoio de Jânio amparo para uma candidatura que nasce contestada no seu próprio partido e ainda indefinida no espaço mineiro, que lhe é essencial. O janismo pode insuflar um sopro paulista no candidato de Minas, embora a contrapartida seja o risco de uma surpresa, implícita na aceitação da parceria. Collor, com o senador Itamar Franco, assegurou-se uma faixa na política mineira e ocupada por alguém que disputou bem o governo do estado em 1986.

No PMDB, o problema da vice cingiu-se às questões internas. A esquerda, mobilizada em torno de Waldir Pires, impôs sua prevalência no diretório e sua exclusividade na Executiva Nacional. Esse o preço pago por Ulysses para sair candidato sem um racha grave no partido. Ele sempre pensou em que sua experiência política reconduziria às bases os moderados, coisa que não aconteceria com a esquerda, para a qual Mário Covas representava uma alternativa tranqüila. Ulysses, como se sabe, foi mantido sob pressão pela candidatura do ex-governador da Bahia, que disputou até ter condições de passar a limpo o acordo de seu predomínio na campanha. No PT foi também a luta dentro da coligação que levou ao senador José Paulo Bisol, cujo nome deverá ser aprovado apesar de continuar a reivindicação dos partidários da candidatura de Fernando Gabeira. O PSB foi atendido com o ingresso do senador gaúcho, que deixou o PSDB, nas suas fileiras e pôde assim sem problemas retirar o nome de Antônio Houaiss.

Brizola tentou compor-se fora do PDT, mas não obteve êxito. Ele procurou companhia principalmente em Minas e no Nordeste. Foram sondados por seus agentes Hélio Garcia, o ex-governador que deverá formar ao lado de Aureliano por sua incompatibilidade com Newton Cardoso, e o senador Itamar Franco, que fez sua opção por Collor. Também teria estado nos seus cálculos a vice-governadora Júnia Marise, que igualmente aderiu ao candidato do PRN, embora haja quem preveja uma segunda opção dela. As recusas levaram Brizola a recompensar os serviços prestados pelo deputado e ex-ministro da Justiça Fernando Lyra, ex-PMDB, que se atribui papel importante na coordenação da candidatura de Tancredo Neves.

Paulo Maluf ficou nos limites do seu PDS, escolhendo o deputado Bonifácio de Andrada para seu companheiro de chapa. Afif Domingos, do PL, saiu desde cedo com o professor Aluizio Pimenta, ex-ministro da Cultura. E Roberto Freire atendeu à vertente intelectual do Partido Comunista, escolhendo o pesquisador Sérgio Arouca, ex-dirigente do Instituto de Manguinhos. Como se vê, os vices que podem ajudar são os de Collor, Covas e Aureliano. Os outros tanto faz, apesar dos títulos que ostentam alguns deles.

Lembo e Jânio

O professor Cláudio Lembo está satisfeito com o desfecho da convenção do PFL, não propriamente por ter sido feito candidato a vice-presidente mas por ter sido o veículo da incorporação de Jânio Quadros ao partido e de sua participação na campanha que propõe Aureliano Chaves para ocupar a Presidência da República. Lembo, que recusou há tempos convite de Marco Maciel para acompanhá-lo na chefia do gabinete civil da Presidência, preferiu ficar em São Paulo como secretário de governo do prefeito Jânio Quadros, cujas qualidades passou a estimar.

Carlos Castello Branco